

A Experiência Inicial do PRONERA em Minas Gerais - a Perspectiva dos Estudantes Universitários

Área Temática de Educação

Resumo

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA tem oportunizado às Instituições de Ensino Superior a realização de uma extensão universitária que, efetivamente, tem contribuído tanto para vincular os cursos de Pedagogia e Letras aos desafios das lutas sociais - favorecendo um repensar da formação de seus acadêmicos, quanto para a formação de sujeitos sociais capazes de fazer sua própria história e de nela interferir de forma consciente. É neste contexto que se situa o presente trabalho, cujo objetivo é relatar, na perspectiva dos estudantes universitários envolvidos na sua execução, a experiência do PRONERA, em sua primeira etapa, realizado no ano de 2001, em 5 regiões do estado de Minas Gerais: Triângulo, Mucuri e Grande BH, Jequitinhonha, Rio Doce e Sul. Especificamente, apresentamos, em seus diferentes aspectos, o processo de formação dos alfabetizadores e dos alfabetizados, buscando, ainda, analisar os fatores relacionados ao sucesso e às limitações do processo ensino-aprendizagem.

Autoras

Lourdes Helena da Silva - Professora Adjunta
Rosa Cristina Porcaro - Professora Assistente
Celma Gomes Oliveira - Estudante de Pedagogia/UFV
Márcia Adriana Lunna - Estudante FAE/UEMG
Camila Cordeiro Benatti - Estudante FALE/UEMG

Instituição

Universidade Federal de Viçosa - UFV

Palavras-chave: alfabetização de jovens e adultos; capacitação de alfabetizadores; PRONERA.

Introdução e objetivo

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA tem oportunizado às Instituições de Ensino Superior a realização de uma extensão universitária que, efetivamente, tem contribuído tanto para vincular os cursos de Pedagogia e Letras aos desafios das lutas sociais - favorecendo um repensar da formação de seus acadêmicos, quanto para a formação de sujeitos sociais capazes de fazer sua própria história e de nela interferir de forma consciente. São milhares de homens e mulheres - jovens e adultos - do campo, que por diversos motivos, não tiveram acesso à educação regular, mas que têm nesse projeto a oportunidade de recuperar o tempo fora da escola e adquirir conhecimentos que possam atender às suas necessidades e anseios.

“A educação que nós queremos/ precisamos não acontece só na escola. É um processo bem mais amplo, que tem a própria dinâmica do movimento social como ambiente de aprendizado por excelência. Mas a luta pela escolarização dos sem terra é fundamental além de se tratar de um direito de cidadania, representa a possibilidade do acesso a certos tipos de saberes que fazem efetiva diferença na formação/ educação unilateral de sujeitos da transformação social e da reconquista da dignidade humana”.CALDART(1997:39)

Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral relatar a experiência do PRONERA, em sua primeira etapa, realizado no ano de 2001, em 5 regiões do estado de Minas Gerais: Triângulo, Mucuri e Grande BH, Jequitinhonha, Rio Doce e Sul. Especificamente, nosso propósito é apresentar, em diferentes aspectos, o processo de formação dos alfabetizadores e dos alfabetizandos, buscando, ainda, analisar os fatores relacionados ao sucesso e às limitações do processo ensino-aprendizagem. Cabe ressaltar que, como são muitos os atores envolvidos no PRONERA, neste relato privilegiamos a perspectiva dos estudantes universitários.

Metodologia

Algumas Especificidades da Educação de Jovens e Adultos no PRONERA

Frente ao questionamento sobre as razões dos trabalhadores rurais não terem frequentado a escola em idade regular, talvez uma das primeiras respostas é a de que eles não tiveram oportunidades para tal. Todavia, a prática da educação nas áreas de reforma agrária nos revelou que essa não é a única resposta. Muitos, além de não terem tido oportunidade, não sentiram a necessidade de estudar. Vivendo sempre no meio rural, julgavam ser a educação dispensável para a realização das tarefas e afazeres do campo. Muitas vezes revelaram, em seus relatos, que para o trabalho com a enxada, não era necessário o domínio das letras e dos números. A superação dessa concepção, que durante muito anos esteve arraigada na cultura camponesa, foi um dos desafios enfrentados. Era preciso, portanto, conscientizá-los da importância da leitura e da escrita, além de desenvolver uma compreensão sobre o mundo letrado, que diretamente influencia a cada um de nós. Esse processo de conscientização foi realizado num trabalho conjunto entre alfabetizadores e universitários, no qual o diálogo constituiu um fator determinante para essa conquista. Através dos debates e reflexões conjuntas, conseguimos desenvolver uma compreensão sobre o quanto relevante tem sido, em nossa sociedade, a leitura e a escrita. Vivemos num mundo no qual quem não detém esses saberes são rotulados, discriminados, enfrentando grandes dificuldades para nele se inserir. Vale ressaltar que o mundo letrado não corresponde apenas ao meio urbano. O meio rural e as pessoas que nele vivem também fazem parte da sociedade letrada e em tudo dependem desses saberes para sobreviver. Atualmente os trabalhadores e trabalhadoras rurais percebem que, no seu cotidiano, a leitura e a escrita são indispensáveis e que o privilégio de ler e escrever é um direito que eles devem estar conquistando a cada luta. Neste sentido, o PRONERA é apenas um instrumento nessa conquista. Outros meios devem ser utilizados para garantir-lhes um direito que já está legalizado, mas que durante décadas, lhes foi negado e negligenciado pelas autoridades governamentais.

Um outro desafio enfrentado foi inserir a proposta pedagógica de formação aos alfabetizadores num contexto democrático. Nesse sentido, um princípio orientador do processo ensino-aprendizagem era, ao contrário da imposição de ideais e imaginários educacionais, uma socialização de saberes e práticas vividas. Se de um lado, o grupo de universitários detinha um conhecimento teórico, por outro, os alfabetizadores detinham a vivência e o contato com a realidade dos alfabetizandos. Era justamente essa articulação teoria e prática que deveria orientar a aprendizagem dos alfabetizandos, numa perspectiva de uma aprendizagem significativa, na qual todo conteúdo curricular deveria estar vinculado à bagagem cultural dos alfabetizandos. Além disto, essa vinculação dos conteúdos e saberes dos alfabetizandos à prática pedagógica foi considerado como uma das estratégias de promover a participação dos agricultores nas aulas, superando o desinteresse e o abandono da escola. Neste desafio, cabe ao alfabetizador o papel de estar sempre reconhecendo e valorizando a experiência histórica, política, cultural e social dos jovens e adultos alfabetizandos. Nesse sentido, CALDART (1997:42) ressalta que essa cultura e saber são inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, existindo muito antes do indivíduo frequentar a escola:

" Todos tem um conjunto de saberes, uma cultura e uma história que precisam ser respeitadas e consideradas quando entram na escola. Da mesma forma que educadoras/ es também as tem. É esta a matéria-prima do processo de produção de novos saberes, novos comportamentos e valores".

Neste processo, além da valorização dos saberes e da cultura dos alfabetizadores e alfabetizandos, tornava-se também necessário a compreensão da complexidade do ato educativo, na medida em que os jovens e adultos aprendem de maneira diferente, tem uma realidade distinta. Nesta perspectiva, foi fundamental o desenvolvimento de um conteúdo e uma metodologia coerente com esses princípios. Entendendo que a Alfabetização de Jovens e Adultos deve ser formativa e informativa, indo muito além do repasse de conhecimento e domínio das letras e dos números, a pedagogia desenvolvida por Paulo Freire tornou-se a referência orientadora da prática pedagógica proposta. A educação, na perspectiva de Paulo Freire, deve contribuir para a formação dos indivíduos, capacitando-os para a cidadania e interação social, preparando-os para compreensão e superação das necessidades do meio, além de contribuir para o desenvolvimento cultural e social do país.

Resultados e discussão

O Processo de Formação dos Alfabetizadores

A formação dos alfabetizadores para uma atuação nas áreas de reforma agrária ocorreu através de três módulos de capacitação estadual, várias oficinas regionais, além de visitas e acompanhamentos individuais nos assentamentos e acampamentos.

Um dos aspectos que marcaram a realização do primeiro módulo de capacitação foi o sentimento inicial de insegurança, comum entre os alfabetizadores, devido tanto a falta de experiência em Educação de Jovens e Adultos quanto pelo desconhecimento da realidade de suas futuras salas de aulas. Um outro aspecto que favoreceu a insegurança do grupo foi o desconhecimento, pela maioria dos alfabetizadores, sobre o Método Paulo Freire. Essa novidade gerou tanto uma certa ansiedade e, ao mesmo tempo uma certa resistência da maioria do grupo. Acostumados à alfabetização tradicional, a resistência era natural.

Todavia, com o início das aulas, a falta de experiência deu lugar à prática, aos problemas reais, ou, conforme nos revela Paulo Freire (1987, p.84) à educação autêntica.

"A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação".

Além de propiciar uma melhor compreensão sobre mundo de significados, anseios e esperanças, as oficinas realizadas nas regiões serviram também para revisar e reforçar os conteúdos desenvolvidos na capacitação, contribuindo tanto para sanar as dúvidas, quanto para um maior detalhamento do método adotado. Todavia, essa maior compreensão do método não esteve associado a sua utilização. Como a maioria das classes eram compostas por turmas heterogêneas, o alfabetizador, frente às dificuldades para trabalhar com vários níveis de letramento, tinha uma tendência em preferir a utilização do método tradicional de alfabetização. Na busca de superação dessa problemática, as oficinas regionais tornaram-se espaços fundamentais para o planejamento das ações em classes heterogêneas, assim como para a compreensão sobre as vantagens e desvantagens do trabalhar com essas classes. A relevância desta problemática favoreceu com que assunto fosse aprofundado no segundo módulo de capacitação.

Esse segundo momento da capacitação, por sua vez, foi marcado pelo amadurecimento dos alfabetizadores e o compromisso estabelecido entre eles e os alfabetizandos. Ficou explícito, ao longo de toda programação, a maneira segura com que os alfabetizadores

enfrentavam os problemas surgidos nas salas de aulas. Além disto, o nível de participação e envolvimento dos alfabetizadores na dinâmica da capacitação também foi mais significativo. Obviamente o fato do grupo já se conhecer, favoreceu um maior envolvimento, tornando mais interativo o processo de aprendizagem.

No terceiro módulo da capacitação estadual esses aspectos da interação tornaram-se mais evidentes, não apenas entre os alfabetizadores, mas também nas referências aos processos ocorridos no cotidiano escolar. Alfabetizadores e alfabetizados estavam juntos, superando as dificuldades do processo ensino-aprendizagem e fortalecendo os vínculos estabelecidos no dia-a-dia das salas de aula. A insegurança inicial foi, pouco a pouco, dando lugar a um sentimento de recompensa, de resultados dos esforços e compromissos realizados. A despeito desse sentimento compartilhado entre os diferentes atores envolvidos no projeto, cabe ressaltar a necessidade de uma reflexão em torno do processo de seleção dos alfabetizadores. A heterogeneidade nos níveis de escolarização do grupo selecionado - que foi do primeiro grau incompleto até o curso superior - foi um dos fatores mais preocupante e que apresentou dificuldades. Neste sentido, o questionamento é sobre o critério de escolha do alfabetizador, que deveria priorizar, ao lado de outros aspectos, o grau de escolarização. É importante esclarecer que a escolha dos alfabetizadores foi um processo de inteira responsabilidade dos movimentos sociais - MST e FETAEMG.

Este desnível do grau de escolaridade entre os alfabetizadores foi considerado, pelos universitários, como um dos aspectos comprometedores do desenvolvimento do projeto. Em relação direta, um outro aspecto identificado foi a ausência de atividades de preparação das aulas, revelando um certo desinteresse dos alfabetizadores pela pesquisa sobre os conteúdos dados em sala de aula e falta do hábito de estudo e leitura. Entendemos, conforme ressalta PINTO (1987), que o educador precisa ser versátil na busca de instrumentos didáticos e pedagógicos para tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, tornando-se assim mais maduro e seguro, de maneira a proporcionar aos seus educandos uma aula mais participativa e interessante.

“Compete ao professor, além de incrementar seus conhecimentos e atualizá-los, esforçando-se por praticar os métodos mais adequados em seu ensino, proceder a uma análise de sua própria realidade pessoal como educador, examinar com auto-consciência crítica sua conduta e desempenho, com a intenção de ver se está cumprindo aquilo que sua consciência crítica da realidade nacional lhe assinala como correta atividade” PINTO (1987:113).

Ainda sobre a dinâmica de formação dos alfabetizadores no PRONERA, destacam-se, também, as oficinas regionais desenvolvidas pelos universitários, em articulação com os Coordenadores Regionais, como espaço privilegiado para o acompanhamento das questões pedagógicas específicas de cada assentamento e acampamento. Além disto, as oficinas foram momentos de sanar dúvidas, de aprofundar os eixos temáticos, além de se caracterizarem como espaços de criatividade dos alfabetizadores. Aliadas às oficinas, as visitas locais às salas de aulas também forneceram os subsídios para a prática avaliativa, além de oportunizar um acompanhamento mais próximo nos assentamentos e acampamentos, proporcionando um contato direto tanto com a comunidade escolar, quanto com a realidade da luta dos agricultores pela reforma agrária. De uma forma geral, consideramos que o processo de formação dos alfabetizadores foi realizado, em todos os níveis, com muita disposição e esmero, tendo alcançado os seus objetivos do projeto. Os maiores entraves encontrados estiveram, por sua vez, relacionados a aspectos de infra-estrutura das escolas: classes sem carteiras, sem quadro e iluminação; falta de merenda, etc. É interessante destacar que, a despeito da ausência de muitas Prefeituras como parceiras no projeto, os alfabetizadores, impulsionados pelo desejo de ensinar e pela vontade de ver os frutos de seu trabalho, souberam transpor as dificuldades e obstáculos encontrados.

O Processo de Aprendizagem dos Alfabetizados

No processo ensino-aprendizagem, um dos desafios enfrentados pela experiência em foco foi a melhoria da auto-estima dos alfabetizandos. Rotulados de incapazes e “burros” pela escola regular, eles chegam às salas de aula com uma história de fracassos e exclusões, trazendo o temor que o mesmo processo ocorresse com a experiência no projeto. Já em idade avançada, acreditavam que não seriam capazes de aprender a ler e escrever, repetindo o velho jargão: “cavalo velho não panha andadura”. A despeito dos diversos fatores limitantes, como deficiência visual, problemas de saúde, baixa concentração, memória seletiva, cansaço físico, distância das suas residências à sala de aula, problemas pessoais e outros, tornava-se prioritário que os alfabetizandos, elevando sua auto-estima, acreditassem no seu potencial. A reconstrução da auto-imagem é um exercício interior, por isso a atitude é individual. Todavia, como a reconstrução da auto-imagem e auto-estima quase sempre se volta às experiências negativas - que são semelhantes na história de vida dos Sem Terra - acreditamos que, embora pessoal, essa reconstrução se torna mais fácil quando realizada em grupo. Essa foi a estratégia desenvolvida. Com objetivo de superar a timidez, a insegurança, o medo de expor os sentimentos, o complexo de inferioridade, entre outros, foram desenvolvidas, de modo informal, diversas atividades em grupo como: dinâmicas, jogos, oficinas artesanais (confeção de jogos didáticos, cestas de jornais, criação de objetos a partir de sucatas e outras), músicas, desenho, palestras sobre sexualidade, cidadania, etc. Outra estratégia utilizada foi o desenvolvimento da oralidade dos alfabetizandos, através de debates sobre vários assuntos, textos como poesia, música popular, atualidades e outros, onde provocava-se a participação de todos os sujeitos. A oralidade, facilidade de expressão verbal, é um dos meios de se vencer algumas características da auto-imagem negativa. Cabe destacar que todas essas atividades realizadas com os alfabetizandos foram desenvolvidas, primeiramente, com os alfabetizadores, na medida em que eles também apresentavam as mesmas necessidades para uma melhor atuação em sala de aula.

Outro desafio encontrado foi em relação ao material didático-pedagógico do projeto. Acostumados com o método tradicional, tanto alfabetizadores quanto alfabetizandos, desejavam um livro como referência didático-pedagógica. Como herança dos imaginários da educação tradicional, os alfabetizadores consideravam necessário um material para manuseio, acreditando que apenas o diálogo, as fichas de cultura e os outros aspectos do método eram insuficientes à aprendizagem. Tendo em vista que Método de Alfabetização de Paulo Freire, adotado no projeto, não considera o livro tradicional como instrumento maior no processo de alfabetização, tornava-se necessário, inicialmente, a conquista da confiança dos alfabetizadores para, em conjunto, aprofundar uma melhor compreensão dos princípios e da proposta do método. Foi um grande desafio também com os alfabetizandos, pois, mesmo não tendo frequentado a escola regular, traziam consigo a representação de que uma escola precisa ter livros e seguir um currículo regular. A superação destas representações não foi uma tarefa fácil. O ponto de partida foi um trabalho de conscientização do alfabetizador para a necessidade de estar sempre inovando suas aulas, mostrando aos alunos a existência de outros meios eficazes de ensino e aprendizagem. É importante destacar que no sexto mês de execução do projeto, a coordenação estadual repassou aos alfabetizadores e alfabetizandos um kit de livros didáticos doados pela Secretaria Estadual de Educação. A orientação era que os livros doados deveriam ser apenas complemento das atividades e fonte de pesquisa para os alfabetizandos. Todavia, em algumas áreas, ele se tornou a única referência didática, sendo adotado sistematicamente em todas as atividades.

No conjunto, o processo de aprendizagem dos alfabetizandos sofreu - de maneira direta e indireta, entaves de diferentes ordens: precariedade da infra-estrutura e condições físicas das salas de aula falta de transporte e merenda escolas, falta dos exames de vista e dos óculos, etc. além disto, questões de ordem natural, como o período das chuvas, época do plantio e de colheita, afastavam os alfabetizandos das classes, tornando a frequência bastante

irregular. Aliás, essa irregularidade na frequência foi, sem dúvida, um dos maiores entraves no processo de alfabetização e escolarização. A perda das aulas e, conseqüentemente, do conteúdo desenvolvido favoreceu um comprometimento significativo da aprendizagem e da motivação. Na superação deste entrave, uma das estratégias utilizadas consistiu na realização de visitas de encorajamento às classes e principalmente, às residências dos alfabetizandos. Além das visitas, foram realizados acompanhamentos do desempenho e da participação dos alunos, através de análises e avaliações dos cadernos e de outras atividades desenvolvidas em sala de aula, entre outras. Os resultados das estratégias foram satisfatórios, indicando também que a vontade de aprender, o esforço e o interesse dos alfabetizandos constitui um fator decisivo na superação de todos os entraves encontrados.

Conclusões

Na avaliação do grupo de universitários envolvidos na primeira etapa do PRONERA Mudanças é unânime que, a despeito das limitações e entraves vivenciados, o projeto propiciou conquistas significativas: sujeitos com baixa auto-estima superando seus complexos; pessoas alheias às atividades comunitárias passam a ter uma maior participação sem o medo do rótulo de analfabeto; jovens e adultos que não sabiam assinar seu nome, hoje não só assinam, como lêem com certa fluência, sobretudo aquilo que assinam. São muitas as mudanças percebidas!

São conquistas que extrapolam o universo dos assentamentos e acampamentos. Elas referem-se também às experiências vivenciadas pelos universitários. O contato com o cotidiano de luta, de vida dos trabalhadores do campo não se constituiu apenas uma experiência na formação acadêmica, mas, fundamentalmente, uma lição de vida, de crescimento pessoal e político dos universitários. Muitos deles foram contagiados pela simplicidade, alegria e, sobretudo, pela afetividade que move o cotidiano dos trabalhadores rurais. Os laços firmados fortaleceram a crença nos ideais de transformação da sociedade brasileira, aguçando o espírito de solidariedade e compromisso com a Educação.

Referências bibliográficas

- CALDART, R.S. Educação em Movimento: Formação de Educadoras e Educadores no MST. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PINTO, Á.V. Sete Lições sobre Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: Cortez, 1987.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987